

Á Biblioteca Pública de  
Braga

# Tribuna Livre

23  
FEVEREIRO  
1963

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

DIRECTOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR-TELEF. 62113 - AMARES

## D. QUIXOTE

### VOLTOU AO MUNDO

De «O Diário de Notícias» transcrevemos este artigo que segue.

«Marcial, fero, guerreiro», como se dizia num monólogo célebre dos tempos do actor Vale, Ben Bella, que parece ter comido fígados de leão, resolveu digerir os ditos fígados à nossa custa. E, às pedras de Argel, jurou partir, em cruzada, contra os «sugadores de sangue». Os quais sugadores, na actual conjuntura (e isso ninguém ainda nos tinha chamado!), somos nós. Quando ele fazia aqueles impávidos juramentos, nessas ruínas da velha cidade, ninho outrora de piratas, olhava-o certamente a sombra de Cervantes, que ali sofreu cativo, sonhando já, nas masmorras de Dali Manin, com as aventuras de Don Quixote, que o novelista ia criar.

Foi talvez lá que no espírito de Cervantes nasceu a concepção genial do «engenheiro fidalgo», e vê-se, milagre dos séculos, que a inspiração quixotesca por lá paira ainda, imortal e acesa. Don Quixote reincarnou no émulo de Fidel Castro — e ei-

-lo, na névoa dos tempos, resuscitado agora no denodado campeão da Casbah, disposto a partir contra os moinhos do Mundo.

Logo aos seus primeiros vagidos políticos o fogoso Bella anunciou a sua intenção de avançar, de lança em punho, a engolir Israel. Ao lado, o leal Rabá Bitat, vice-presidente do Conselho, advertiu que talvez fosse temerária, por demasiado longínqua, a imediata empresa. A intrépida montada já estava pronta para a sublime cavalgada. Foi então que surgiu a imagem de Angola e a ideia dos «sugadores de sangue».

— Pois é lá que vamos, sem tardança. Bumadinne! — ordenou Ben Bella ao seu valoroso ministro da Defesa.

— De caminho — lembrou o outro estadista — poderemos também ir atacar os «sugadores» do Vietname.

— Pois iremos, Irmão. Onde houver um sugador de sangue, estaremos nós e o nosso braço.

E concluiu, afagando a montada:

(Continua na 4.ª página)

## A reintegração dos cegos

### em vários países do mundo

(VIII)

Na União Soviética existem 268 escolas-oficinas para cegos, um grande número das quais com formas de produção altamente mecanizadas.

No Japão, onde a assistência aos cegos tem um passado longo, 35.000 cegos, aproximadamente, são classificados como «empregados», na sua maioria em oficinas ou profissões que lhes são especialmente reservadas.

Os Estados Unidos e a Alemanha anterior à guerra foram os primeiros a empregar técnicas que permitem a colocação de cegos

sem protecção especial. No primeiro destes dois países, 20.000 cegos ocupam actualmente os empregos mais variados.

No Reino Unido, um terço dos cegos dos grupos de idade produtiva são empregados, e mais de metade trabalham em condições normais de concorrência. Considerou-se o valor da sua produção em mercadorias e em serviços em 5 milhões de libras esterlinas por ano. Na indústria, os cegos realizam mais de 700 espécies de trabalho diferente nos 35 ramos de actividade principais.

## Festas do Concelho

Que nos conste, e não obstante o assunto ter sido lembrado, nada foi feito ainda, por quem de direito, para que as Festas do Concelho se realizem este ano como sempre se fez no passado.

Estamos em Fevereiro e nunca aconteceu que nesta data nada estivesse feito nos anos interiores.

Trata-se de algo importante que faz falta ao nome do concelho e que seria desprestigiante deixar ficar no esquecimento.

## A miséria muda de aspecto

Ainda haverá pobres na Alemanha Ocidental? Recentemente um grande diário hamburguês ocupou-se deste problema e chegou à seguinte conclusão: Ainda existe pobreza caso se tome por referência o bem-estar económico da nossa sociedade, mas hoje em dia não está em primeiro plano a indigência material mas a falta de conforto psíquico que determina as medidas de assistência social do Estado.

A legislação social em vigor na República Federal da Alemanha protege efectivamente todos do perigo de morrerem em miséria, de passarem fome ou frio. Ninguém é abandonado ao seu destino. Garante-se o mínimo de existência a todos e vai-se até mesmo além deste limite, mesmo os beneficiários da assistência pública, considerados geralmente os mais pobres não precisam de andar esfarrapados e de pedir pão. Este grupo é constituído por aqueles que não são capa-

## DO MEU PONTO DE VISTA

Pelas diligências já efectuadas, anda o Instituto Nacional de Trabalho e Previdência de Braga, empenhado na fusão das Casas do Povo de Rendufe, Lago e Barreiros e consequente implantação da sede respectiva, ao fundo da recta de Lago.

Com a localização da sede, estou certo, todos os sócios discordam. Quem pode, senhores, concordar com semelhante utopia?

Há-os, no entanto, que discordando do local destinado à sede, concordam, contudo, em que se faça a fusão.

Vejamos, primeiramente, os inconvenientes de, em sítio desértico, produzir um grande caseirão, vazio de sentido, contrariando, assim, o fim a que se destina, como condição principal.

A Casa do Povo é o local onde o trabalhador agrícola encontra o ambiente propício para se retirar do jogo e da taberna. É aí, quer através de palestras de que andamos tão carecidos, quer através da biblioteca, embora pequena, que todos possuem, quer ainda, já que muitas possuem aparelho de TV, através dos seus programas que o trabalhador agrícola — seu único fim — pode cultivar-se preparando para enfrentar a corrente deletéria de doutrinas que, afinadamente, os inimigos da Pátria lhes vão incutindo.

O bom seria — quem escreve estas linhas — fá-lo unicamente, por idealismo — que cada freguesia possuísse a sua casa do Povo. Não interessaria, isso seria de somenos importância, que fosse um palácio. Duas salas

(Continua na 4.ª página)

(Continua na 3.ª página)

## AS CARREIRAS

### Entre-Pontes — Feira Nova

#### APELO À VIAÇÃO AUTO-MOTORA

Consta que a V.A.M., suprimirá a partir do próximo mês de Março, as carreiras que ligam Entre-Pontes à Feira Nova.

O público servido por esta linha ficará privado de carreiras entre as 9,20 e 16,30 horas (horário de passagem na Feira

Nova), beneficiado somente por uma de passagem na mesma localidade às 14,20 horas, pertencente a outra concessionária e com destino a Braga.

Julgamos de inteira necessidade a conservação das carreiras das 7,25 e das 19,25 horas, pois, segundo alegam, as existentes neste ramal não têm razão de existir. As anteriormente citadas, porém, seriam necessárias para as referidas populações.

Sugestiona-se ainda como obra de grande utilidade, a mudança do horário da carreira que sai de Braga às 19,50, para as 20,15 horas aproximadamente, e que a mesma se efectuasse durante todo o ano. Fundamenta-se este apelo, na chegada das carreiras do Porto, Pisões e Guimarães, originando aos passageiros para esta zona, o acesso fácil, evitando a forçada estadia nessas

(Continua na 5.ª página)

(Continua na 4.ª página)

## NA CADEIRA DE GARRETT

Numa das últimas vezes em que estive em casa do Conde de Monsaraz, disse-me ele, apontando para a cadeira que me oferecera para me sentar:

— Você está na cadeira do Garrett.

E depois explicou:

— Essa era a cadeira em que o Garrett costumava sentar-se quando vinha cá a casa.

Almeida Garrett era muito amigo, companheiro de todas as horas, de um avô de Alber-

to de Monsaraz. Esse avô ou bisavô (não vou jurar a exactidão do parentesco) era casado com uma senhora mais nova e que sobreviveu bastantes anos ao marido. Sobreviveu, retendo sempre na lembrança aquele escritor e poeta janota, que vinha tantas vezes buscar o marido, supunha ela, para as suas pândegas. Quero dizer: era uma lembrança desagradável.



# TRIBUNA AGRÍCOLA

## Composição DOS alimentos

A alimentação representa uma necessidade tão fundamental como a respiração. Comer não é um luxo, mas uma imposição da própria vida. Por isso, a dona de casa deve escolher as refeições com o equilíbrio nutritivo indispensável à conservação da boa saúde dos diferentes membros da família, com economia, variando os pratos, confeccionando-os com higiene e apresentando-os dum modo agradável e com bom gosto.

Mas, para conseguir satisfazer estas condições, é necessário que, além de saber cozinhar, a dona de casa tenha algumas noções da composição dos vários alimentos e do seu maior ou menor valor nutritivo e adequada utilização.

Os alimentos, embora muito diferentes têm, dum modo geral, uma composição química relativamente semelhante: água, sais minerais, proteínas, hidratos de carbono, gorduras e vitaminas.

Cada uma destas substâncias químicas desempenha um papel diferente, sendo igualmente todas indispensáveis à vida. As proteínas servem, principalmente, para a formação dos tecidos de que é feito o organismo e, portanto, os alimentos que contêm na sua composição uma elevada percentagem destas substâncias

estão, especialmente, indicados para as crianças e jovens, para certos doentes e para todas as pessoas que dispõem de grande actividade. As gorduras e hidratos de carbono produzem energia e vigor. As vitaminas tornam o organismo mais apto a resistir às doenças. Os sais minerais são indispensáveis ao desenvolvimento e conservação dos erros, etc.

Estas substâncias químicas às quais estão ligadas importantes funções orgânicas: crescimento, trabalho, defesa contra as doenças, etc., entram em proporções muito variáveis na constituição dos diferentes alimentos. Uns, são essencialmente proteicos, como a carne, o peixe, o leite, os ovos, o queijo, os legumes secos e cereais. Outros, possuem, predominantemente gorduras, como a manteiga, o toucinho, etc. Outros ainda, são considerados como fontes de certas vitaminas, etc.

Hoje, vamos-nos ocupar dos alimentos proteicos e da sua importância na alimentação e, em artigos sucessivos, trataremos dos outros constituintes alimentares.

Todas as pessoas precisam de ter na sua alimentação uma certa quantidade de proteína, embora tenha já terminado o seu período de crescimento, pois os processos de regeneração orgânica são constantes e exigem esta substância química; daí a grande importância dos alimentos proteicos na nutrição humana.

Como base proteica, constitui um excelente hábito alimentar incluir o leite no regime diário de todas as pessoas. As doses diárias recomendadas pelos nutricionistas são: para um adulto, 3/4 de litro e para uma criança, 1/2 a 3/4 de litro.

Aparte o leite, dois outros alimentos proteicos deverão ser escolhidos e fornecidos diariamente. Como regra, a carne ou o peixe devem fazer parte da refeição se pode incluir um ovo, legume seco, queijo ou uma combinação destes alimentos.

Conforme já dissemos em artigo anterior, as proteínas fornecidas pelos alimentos de origem animal, têm um valor nutritivo mais elevado do que as de origem vegetal. No entanto, os legumes secos e os cereais constituem um valioso alimento, principalmente quan-

do adicionados a uma pequena quantidade de leite, queijo, ovos ou outro alimento proteico de origem animal, proporcionando assim uma refeição equilibrada e mais económica.

As qualidades diárias dos diferentes alimentos indicados para cada pessoa são: ovos = 1: carne ou peixe = 100 gramas; (peso limpo); queijo = 30 gramas; legumes secos = 30 gramas. Assim, um homem, em trabalho médio e pesando cerca de 70 kg é suficiente a proteína fornecida por 1 ovo e 100 gramas de carne limpa, por dia, junto a outros alimentos não essencialmente proteicos, segundo afirmam os especialistas da nutrição.

Claro que estas quantidades não satisfazem completamente determinadas pessoas que, habitualmente, comem demasiado, com grave inconveniente para a saúde. No entanto, a dona de casa deve saber que estas são as quantidades necessárias e suficientes para quase todas as pessoas excepto para jovens em crescimento rápido ou para homens muito activos que necessitam quantidades um pouco mais elevadas.

A sabedoria da boa dona de casa neste importantíssimo aspecto da sua missão consiste, precisamente, em saber escolher os alimentos mais apropriados e mais económicos, incluindo, ao mesmo tempo, bons hábitos alimentares na família.

## Desinfecção dos Estábulos

### Preparação dos estábulos a desinfectar

Como os desinfectantes só actuam com sucesso quando entram facilmente em contacto com os microorganismos, é necessário, antes de efectuar a desinfecção propriamente dita, proceder à preparação dos estábulos.

Com essa finalidade pode-se proceder da forma seguinte:

- 1.º = retirar os animais.
- 2.º = retirar todos os objectos existentes no estábulo; estes, de acordo com o seu valor e natureza, serão desinfectados ou simplesmente queimados.
- 3.º = remover as camas dos animais e os estrumes; desbaratar o tecto e as paredes de todas as teias de aranha.
- 4.º = raspar as paredes, pavimentos, manjedoiras, etc., de modo a que as superfícies a desinfectar fiquem perfeitamente acessíveis. Como as superfícies irregulares (paredes de alvenaria sem reboco, pavimentos irregulares, etc.) não podem ser raspadas facilmente, esfregá-las com vassouras de piassaba ou escovas rijas (de piassaba ou de arame).
- 5.º = lavar essas superfícies com escova rija e um soluto detergente, de modo a não restarem vestígios de estrume ou qualquer outra sujidade.

O soluto detergente a empregar prepara-se com água quente a que se adiciona carbonato de sódio a dez por cento (um quilo de carbonato para dez litros de água).

### Escolha do Método de desinfecção

Como a sensibilidade dos vários microorganismos aos desinfectantes varia, há necessidade de proceder à escolha do desinfectante e do método

a empregar em cada caso.

Os desinfectantes que se vão aconselhar são de fácil aquisição, baratos e com acção microbicida comprovada.

1.º = Desinfecção de rotina Esta desinfecção, a que é conveniente proceder duas vezes por ano, no mínimo, pode-se fazer com leite de cal a que se adiciona lixívia de soda (e, caso se queira, DDT, para afugentar as moscas).

Para preparar o leite de cal são necessárias duas operações: — Em primeiro lugar prepara-se a cal apagada, juntando 2 partes de cal viva com 1 parte de água, e deixa-se ferver.

— Depois de cal estar apagada, dilui-se esta para obter o leite de cal.

Esta diluição varia conforme o modo como se vai aplicar. Sempre que possível, aplica-se com máquina de sulfatar, diluindo-se a cal apagada até à consistência necessária ao bom funcionamento do aparelho.

Não havendo máquina de sulfatar, dilui-se uma parte de cal apagada em quatro partes de água, e aplica-se com um brocho ou mesmo com uma vassoura.

Em qualquer dos casos, adiciona-se ao leite de cal de dez por cento de lixívia de soda (ou seja, um decilitro de lixívia para cada litro de leite de cal).

É necessário fazer chegar o leite de cal a todos os recantos do tecto, paredes e manjedoiras.

A máquina de sulfatar, imediatamente após a utilização, deve ser cuidadosamente lavada, para evitar qualquer acção corrosiva do leite de cal ou da lixívia.

O pavimento deve ser desinfectado por polvilhagem com cal viva.

## O que se passa no interior dum silo, ao transformar forragem em silagem

Como é evidente, torna-se necessário conhecer o que se passa no interior dum silo contendo forragem verde, para se tomarem todas as precauções indispensáveis ao êxito da transformação desejada.

Na verdade, embora se observem com frequência determinados fenómenos, nem sempre se conhecem as causas que os originam nem tão pouco a maneira de os controlar.

Como exemplo, citamos o caso da forragem amontoada no interior dum silo, a qual sofre, passado certo tempo, um aquecimento. Quais as razões, afinal? Estas são de duas ordens, encontrando-se uma

no facto da planta, ainda com vida, continuar a respirar e a outra porque a fermentação se iniciou já.

Com efeito, ao introduzirmos o material verde no silo, conjuntamente se dá acesso a uma flora microbiana que em presença do oxigénio (do ar, em solução na água e intersticial) será capaz de «aquecer» a erva.

Pois é precisamente por tal ocorrência se dar, que nos encontramos, desde logo, em presença duma transformação do valor energético em calor.

Chegam-se a atingir 50-60°C, no seio da massa ensilada o que equivale a um prejuízo quase total!

Como será possível travar este fenómeno tão nefasto, eis a pergunta que tantas vezes surge.

Na posse de conhecimentos simples mas indispensáveis, fácil será remediar, na grande maioria dos casos, aqueles inconvenientes, controlando devidamente a presença do ar.

Adquire-se, assim, a noção da necessidade dum eficiente calcamento, como medida indispensável a uma favorável transformação da forragem em silagem.

É claro que os outros fenómenos se produzem no interior da massa ensilada, nomea-

## Produção de Bovinos de Carne

Alimentação intensiva durante as fases de mais intenso crescimento.

Aproveitamento, nesta produção, dos vitelos nascidos do efectivo leiteiro, dada a sua melhor conformação e maior precocidade.

Aumentar quanto possível o consumo de unidades forrageiras mais económicas, como são as proporcionadas em pastagem ou as obtidas à custa de forragens recolhidas na própria exploração — feno, silagens;

Aproveitar as possibilidades compensadoras dos animais, reduzindo, na medida do possível, as despesas de alimentação nos períodos de penúria em forragens;

Reduzir ao inevitável o uso de concentrados a partir dos 8 meses de idade.



# TRIBUNA do CONCELHO

## CARTA DE LAGO

\*\*\*\*\* Aos amigos de perto e de longe \*\*\*\*\*

Este inverno tem sido um dos mais violentos de sempre.

Todos se queixam do frio e as minhas mãos com manchas vermelhas, e reventadas, também dão o mesmo testemunho. Não aconteceu outra há muitos anos...

Estão bem melhor os meus amigos da África ou do Brasil onde estes rigores nunca chegam. A chuva, que tão parca se tinha mostrado, agora brinda-nos com dias de prisão, em casa, pois castiga-nos severamente se ousamos sair... No entanto bem-vinda sempre a querida chuva, se possível, sem vento, para dar vida às fontes, muitas das quais ainda estão mortas.

### Morte de ausente

Celebrou-se no dia 14 a missa do 30º dia do falecimento de Manuel António Pinheiro, ausente, há anos, em Manaus. Dizem que gostava de ler a Tribuna, embora de «boleia» para ver as notícias da terra natal. Que Deus lhe perdoasse os pecados e me perdoe também os meus!

### Doentes

Encontram-se doentes há tempos os Senhores José Azevedo, Manuel Oliveira, Luisa Lopes e outros que já vão sentindo melhoras.

### Desastres no trânsito

O número de desastres na estrada tem aumentado assustadoramente, de ano para ano. Todos o reconhecem e as estatísticas dão testemunho disso com rude evidência. Está bem provado que as causas de tais desastres não se devem propriamente às curvas, nem aos painéis de propaganda comercial ou turística, nem às capelas, igrejas ou alminhas, junto das estradas. Devem-se à falta de preparação e ao descuido dos condutores e à pouca ou nenhuma educação dos peões. Na recta de Lago a Rendufe, bem como na curva do Ribeiro houve bastantes desastres dos quais

resultaram três mortes, em poucos anos. Ainda estão na memória duas mortes de crianças junto das escolas de Lago, para não falar em muitos outros desastres. E nestes lugares, não há capelas nem alminhas, nem anúncios comerciais. Há, sim, a maneira das velocidades excessivas, de andarem ciclistas sem luz, automóveis, furgunetas e camiões só com um farol aceso, sem a luz média, sem juízo na cabeça dos condutores, bem como dos peões.

É tudo por hoje:

Vosso J. Moreira

## Visado pela Censura

## Do meu ponto de vista

Continuação da 1.ª página

apenas e nelas se quizesse, muito se poderia fazer.

Pretender que um agricultor dos lugares de Além, Monte ou Pilar, da freguesia de Carrazedo ou dos lugares mais remotos da freguesia de Bico, beneficie da acção cultural da sua Casa do Povo, com a sede no terminus da recta de Lago, é quimérico. É desconhecimento total da geografia, do concelho de Amares é um crime ante o qual não nos podemos calar. E, numa só palavra, atraioçar. Dos lugares referidos ao local questionado são, pelo menos, ida e volta, duas horas de caminho. Depois de um dia de trabalho exaustivo, de Sol a Sol, quem se atreverá a cometer tal proeza?

Conheço, muito bem, por que com ele vivi e vivo, os hábitos do n.º povo.

Propositadamente disse atrás da sua acção cultural. É que a assistencial, da fusão, segundo se diz, muito beneficiará. Pomos, para já, as nossas dúvidas, discordando do ponto de vista apresentado de que com ela teríamos enfermagem privativa e quejandas.

Os rendimentos, a não ser que se vá buscar mais um pouco aos já parcos rendimentos do proprietário, são os mesmos rendimentos das três Casas do Povo sendo, onde se iria buscar a verba necessária para pagar à enfermeira privativa e estamos a ver, também ao continuo para não desmerecer o edificio sede?...

No dia 17 do corrente faleceu em Lisboa, na sua casa à Rua da Beneficência, letras F. S. M., o senhor Francisco da Silva Miranda, viuvo, de 92 anos de idade, funcionário judicial aposentado.

Era natural de Seramil, lugar de Corujeira. Tendo emigrado na tenra idade doze anos para a capital, por lá fez a sua carreira honesta e honrada, vindo muitas vezes e enquanto pôde à sua terra, de que sempre guardou as melhores recordações e saudades.

Respeitou sempre os princípios que levou do berço e morreu catolicamente, confortado com os sacramentos da sua Religião. Paz à sua alma.

E ao médico que, neste caso, terá de ser aumentado nos seus honorários porque o é, não duma, mas de três Casas do Povo?

Os abonos no receituário passarão a beneficiar, ao depois, da mesma percentagem?

As Casas do Povo do nosso concelho, devem deixar a assistência médica, ao cuidado da Santa Casa da Misericórdia. Da medida económica deste passo resultaria um maior benefício no abono dos medicamentos aos seus associados. Disto é que eles precisam. Quid os medicamentos sejam pagos, se possível, na totalidade é o que eles querem e necessitam. Que os subsídios na invalidez e por doença sejam maiores é o que eles carecem e anseiam. Enfim, que tudo seja melhor para a classe que tudo tem de pior.

## QUE DEUS OS AJUDE

Aos defensores do Império Português,  
A nova geração dos Namorados,  
Que luta com a mesma intrepidez  
Dos d'antanho magníficos soldados,

P'ra defender da estranha cupidez  
Os terrenos d'Angola, fecundados  
Pelo génio imortal português,  
E a Cristo há cinco séculos consagrados,

Conceda Deus a fé inabalável,  
Dos da Ala do grande Condestável,  
P'ra abater em Angola o terrorismo,

Monstro hiante, fatal da nossa idade,  
Que pariu essa vil Sociedade  
Das nações... Unidas pelo cinismo.

UERBA

## O que se passa no interior dum silo ao transformar forragem em silagem

(Continua na 2.ª página)

damente as diferentes fermentações, uma desejável, outras a contrariar.

Abordando, com efeito, mais detalhadamente este aspecto, diremos que o problema da ensilagem depende sobremaneira da competição travada entre os agentes das quatro fermentações seguintes:

Uma fermentação benéfica: *láctica*: — assegurando uma boa conservação.

### António Gomes da Silva Briote

Passa hoje mais um aniversário natalício o Snr. António Gomes da Silva Briote, comandante do Posto da G. N. R. local.

Competente e aprumado no lugar que desempenha desde há anos, com agrado geral de todos os habitantes do concelho, o senhor Briote goza da maior estima e con-



sideração de quantos tem precisado da sua intervenção.

Conciliador e justo tem prestado à Corporação que serve, os maiores e dedicados serviços.

Tribuna Livre associa-se às homenagens dos inúmeros amigos felicitando-o na passagem de mais um aniversário natalício, desejando-lhe as maiores prosperidades na companhia de toda a Ex.ma Família.

— contrariando o quantitativo das perdas.

Três fermentações indesejáveis: *acética, butírica e putrídica*.

Para favorecer ou contrariar tais fermentações, em suma, controlá-las, teremos de proceder avisadamente em dois sentidos, ora activando a fermentação láctica, ora lutando contra as fermentações malélicas.

Para esse fim, haverá que dispor de forragens suficientemente ricas em açúcares, porquanto os agentes microbianos os transformarão em ácido láctico. Quando se trata de forragens de baixo teor em hidratos de carbono, aconselha-se o emprego de coadjuvantes, tais como melaços, farinha de alfarroba, etc.

Em resumo, para obter uma boa silagem teremos de providenciar para que a massa ensilada não seja excessivamente aquosa nem demasiadamente pobre em hidratos de carbono, promovendo-se ao mesmo tempo a expulsão do ar por meio de um adequado calçamento.

## Vida elegante

### Aniversários

Hoje o Snr. João Baptista Pereira Janela, e as Snrs.<sup>as</sup> D. Olímpia Pereira Saraiva e D. Leonilde Ferreira Gonçalves, esposa do Snr. António de Barros Gonçalves, conceituado comerciante em Lisboa.

Dia 24 — A Snr.<sup>a</sup> Teresa de Jesus Costa.

Dia 25 — O Snr. António de Barros Azevedo, ausente em França, filho do nosso particular amigo e assinante deste semanário Snr. José Joaquim da Costa Azevedo.

Dia 28 — A Snr.<sup>a</sup> D. Maria de Fátima Pinheiro Almeida Calheiros de Abreu e os Snrs. João Gonçalves e Francisco Gonçalves.

Dia 1 de Março — A menina Durvalina de Barros Azevedo.

## HUMORISMO

### Na Prisão

Carcereiro: — Sua mulher quer vê-lo.

Preso: — Diga-lhe que não estou.



# Flor desfolhada D. QUIXOTE VOLTOU AO MUNDO

DE Gota d'Orvalho

E de manhã, quando apenas faltava ouvirem-se as três badaladas anunciando o início da Missa na vizinha ermida de S. Caetano, desce Jorge à cozinha onde a Família do Choupal tomava o pequeno almoço, fazendo ouvir a sua voz há tempos ausente:—Então não há café para mim?—Momento de espanto e de emoção! D. Catarina, estupefacta, abraça o filho ternamente e chora comovida sem dizer palavra!—Da boca do Pai, apenas estas duas significativas palavras: Meu filho! Os irmãos, admirados, choram e riem; lágrimas de alegria marejam os olhos destas simples criaturas que veem regressar ao Lar aquele que nunca deixando de ser gaiato nas suas maneiras, traz novamente a alegria que com a sua retirada se havia evadido deste cantinho abençoado.

Jorge de novo na sua casa Paterna! De novo a alegria inunda todos os recantos do Lar! A tristeza até então nunca lhe batera à porta, e é ele próprio que diz: «Só é triste quem não sabe sofrer».

O tempo vai decorrendo normalmente. Jorge já não visita a Família de D. Vasco, pois que Miquelina, a filha mais velha, orgulhosa e maldosamente, consigo havia cortado relações. Neste espaço de tempo os dois amiguinhos Jorge e Lúcia quase se esquecem aparentemente um do outro, apenas se cumprimentando de fúgida. Dois anos são decorridos. É dia de finados. Miquelina, no cemitério da Aldeia, coloca flores sobre a sepultura dos que de sua Família voaram ao Céu. Jorge passeia na avenida do Campo Sagrado, criticando de si para consigo alguns dos muitos epitáfios em que nas aldeias se prima, os erros que escandalosamente asseiam as tabuletas, fazendo rir a bandeiras despregadas quem por ali passa mesmo com o devido respeito pelos que ali repousam.

Jorge, queria muito falar consigo — diz-lhe Miquelina interrompendo-lhe a inocente crítica. — Se assim lhe convém, aqui estou. (Jorge pronunciava estas palavras dando-lhes um tom de severidade, sem contudo a deixar de ouvir com atenção. Deve lembrar-se do que entre nós e há dois anos neste mesmo local, se passara. — As ingratas atitudes de alguém que se dizia amiga, cavam funda chaga naquilo que se chama recordação! Estas palavras produziram no rosto de Miquelina um rubor que comprometia a interlocutora de Jorge. Pois se recorda, quero que recorde sempre que aproveitou o mesmo local para lhe implorar o seu perdão! Quer ter a honra de me conceder? — Se o «Pai Nosso» me ensina a perdoar, como não hei-de perdoar-lhe o mal insignificante que me fez? (Acrescentamos que o mal não era tão insignificante como a Caridade de Jorge o pinta) O Jorge já me havia perdoado, não é verdade? — Sim, para que Deus me perdoe a mim; porém, o verdadeiro perdão é aquele que se concede ao ofensor, quando por ele solicitado! Louvo a sua acção, Miquelina, e por ela esquecerei todo o passado para, se quiser, voltar a ser seu amigo como se desde agora nos conhecessemos, ou há longos anos sem nada de mancha a efectuar a nossa pura amizade! Obrigada, Jorge, todavia, tanta amizade não mereço! A Caridade é a mais bela das virtudes, Miquelina, e eu adoro a Caridade! Eis o motivo por que assim lhe falo! Como é Bom, Jorge, eu... não passo de uma má que só desprezo merecia! — Não, Miquelina; a humildade é outra das grandes virtudes que eu aprecio; e não foi esta alta virtude que você acabou de confirmar que possuía? Esqueçamos tudo e nem sombra de zanga ficará a pesar na nossa velha amizade! Jorge, como será feliz aquela em quem a sua escolha venha a recair! — Não tenho cumprido mais que o meu Dever, não é assim?...

Assim se passou aquela plúmbea tarde de finados, e Jorge regressava a casa com o seu ar juvenil, radiante, com a sua alma pura, pois só desta maneira sabia conceber um homem alegre. Este rosto apenas se mostrava insatisfeito e triste quando a mais leve sombrizinha de falta lhe assaltava a alma, o que o nosso homem, sempre solícito procurava remediar, buscando a Fonte cuja água limpa as almas, mesmo as mais denegridas, e então era vê-lo sempre feliz.

Miquelina pedira-lhe que voltasse à sua casa como outrora, mas Jorge, cujo hábil de tais visitas havia desaparecido há já muito, raras vezes aparecia pela herdade.

Numa destas raras visitas, encontrou Octávio, com os seus quinze anos, e reparou que na sua fisionomia se esculpiam vestígios duma alma em decomposição. Octávio frequentava a Escola Veiga Beirão. O ambiente estudantil proporciona aos corações jovens todos os meios de corrupção e Octávio, nesta idade...

Jorge convidara o seu amigo a um passeio pela seara, e duma maneira hábil e doseadamente lhe vai tocando certinho na chaga ao mesmo tempo que lhe faz reconhecer todo o mal que aguarda os incautos jovens adolescentes e se repercute na vida futura das famílias.

(Continua)

Continuação da 1.ª página

— A caminho, Rossinante! Aqueles que, como nós, se alimentam de sangue às refeições que se previnam. Lá vem Ben Bella, feroz e irado, armado até aos últimos e succulentos francos de De Gaulle. Porque, se nós sugamos sangue, como toda a gente sabe, ele, pela calada, mama, todos os meses, os seus chorudos milhões franceses, como quem chucha leite, tanto que, em memória do antepassado Don Quixote de la Mancha, já até lhe chamam, com a devida vénia — o Don Quixote de la Mama.

\*

A vida deste novo herói manchego foi feita sempre sob o signo dos sugadores. Já em 1947 ele foi o protagonista famoso de um *raid* à estação dos correios de Oran. Nessa altura, eram os vampiros das cartas e dos cheques que inspiravam o seu ardor bélico. Ele vinha armado de lança e escudo e, com uma sanha que ainda hoje é lembrada, atirou-se, intrépido, àquela fortaleza e, um — ele só! — contra três mil bilhetes-postais, num abrir e fechar de olhos, destroçou dois camiões de correspondência e três mil estampilhas carimbadas.

Os inimigos e os invejosos premiaram a façanha com sete anos de prisão. Prestes, porém, o futuro Don Quixote de la Mama quebrou as algemas, saltou os moinhos — e, sempre à procura de sugadores (era o seu destino), refugiou-se no Cairo. Mais tarde, interceptado o avião que o transportava da Rabat para Tunes, foi feito prisioneiro e internado, pelos sugadores franceses, na ilha de Aix. Libertado pelos Acordos de Évian, logo, nos alvares da independência argelina, o encontramos em luta contra o camarada Ben Khedda, igualmente vampiro e instalado no poder.

A Argélia iniciava, sob a sua égide, a sua veloz carreira para a felicidade do desemprego, a suprema ventura da miséria, o inestimável gozo da falência. Ele era Ben Bella e a Argélia Ben Falida. Realizada essa obra, completada com alguns massacres e espoliações de europeus, satisfeito, Ben Bella olhou em volta para lobrigar alguns sugadores de qualquer coisa. E logo partiu, com seu séquito, para Nova Iorque, onde, como é notório, foi recebido, com salvas de canhão, flores e vivas, pelos sugadores americanos. Depois de ter chuchado os dólares dos vampiros, partiu, para se purificar nos braços de Fidel Castro e visitar a Meca de Cuba.

— Aquilo é que são uns vampiros! — declarou o Argelino, ao desembarcar em Havana. — Eles não sabem quem eu sou!

E dali mesmo atirou com os dólares à cara dos Americanos. E, para que não houvesse dúvidas sobre a sua sanha pró-dolaresca e antivampiresca, voltou a Nova Iorque, e, à sombra da estátua da Liberdade, repleto, heróico, rapou o que pôde, sempre invicto e altivo, e ameaçou:

— Fiquem sabendo que os Dólares não me compram. Chucho-os, incorruptível. O grande homem é o meu amigo Fidel. A hospitalidade é uma desprezível virtude burguesa e capitalista. Abaixo os sugadores!

E voltou para Argel.

\*

E foi lá, grosseiro e magnífico, depois de os ter armado assassinos, que ele expediu para Tunes alguns cavaleiros andantes, com o fim confessado de liquidar o amigo fraterno e vampiro Burguiba.

— Amigos, amigos, vampiros à parte.

Reuniu o camarada Boudia e o conselho de ministros e, lançando os olhos ávidos e audazes à volta, à procura de mais sugadores de sangue, lobrigou-nos a nós, avistou Angola ao longe e, afagando o Rossinante, gritou para Sancho Pança, atônito:

— Por Alá e pela Liberdade! Vamos a estes vampiros!

E, reunindo dois camiões e doze guerreiros, ordenou:

— Ide e exterminai-os, e quanto eu vou aqui mamando uns francos de Paris, uma messa fresca de dólares americanos — e já lá vou fundo o Magrebe.

\*

E Don Quixote de la Mancha repousou. Depois de aterrado o Mundo, anunciou, a sério, que vai ser o Nené poleão da África, vê-se para começar, imperador de Marrocos, sultão do Congo, rei da Tunísia, ditador de Angola. Para os lados do Cairo olha desconfiado. Mas Israel tenta-o. Vai lá dar um pulo e Jerusalém é dele. E quando já não houver ao seu alcance, vivo, um único sugador de sangue, Ben Bella Magrebe — Cipião, César, Alexandre — poderá enfim chuchar tranquilo, os francozinhos de Paris — novo maná do deserto, chuva benfazeja com que a Independência preme os sonhos das suas noites lidas da Casbah.

O que é a Imortalidade? D. Miguel Cervantes, que te diria que, na pessoa do herói, ainda voltarias a Argel e aos seus piratas, mais três séculos e meio depois da morte?

## A miséria muda de aspecto

(Continuação da 1.ª página)

aliás, grandes diferenças de Estado para Estado. Garantem aos beneficiários o necessário para viver: habitação, o vestuário e a alimentação. Em Hamburgo, por exemplo, um homem só recebe mensalmente 138. = DM em dinheiro; além disso paga-se a renda da casa e condesem-se um subsídio para a calefacção e um subsídio para a Festa de Natal. Beneficia do tratamento médico e de todos os medicamentos gratuitos; as organizações particulares de beneficência, que constituem o complemento de assistência pública, prestam ainda auxílio dando vestuário, géneros alimentícios e, quando necessário, móveis. Os mínimos estabelecidos para famílias mais numerosas excedem às vezes até mesmo o salário de um operário ou de um pequeno empregado. Não é raro, por isso, que nas casas de beneficiários da assistência se vejam aparelhos de televisão. As chamadas «sopas aos pobres», os abrigos aquecidos estão hoje em dia desertos. Ninguém se interessa pelo vestuário e pelos móveis usados dados às organizações caritativas para serem distribuídos a pobres. Num palavra: A miséria dos velhos e dos pouquíssimos desempregados, que ainda se fazia sentir nos primeiros anos do pós-guerra mudou de feição. Hoje existe o que se po-

deria qualificar de «miséria moral» daqueles que não têm família nem amigos e constituem um problema social cada vez mais premente. A assistência moral não pode ser regulamentada pelo Estado.

Há a considerar ainda o grupo daqueles que são excessivamente orgulhosos para aceitar a assistência social. Calcula-se que este grupo se constitui ainda de algumas dezenas de milhares.

Estrangeiros observam geralmente que na Alemanha Ocidental não há praticamente mendigos. Como não podem deixar de ser, há elementos fracturados a qualquer vida e sociedade e à vida sedentária. Não é pequeno o número de «vagabundos» clássicos, que andam de terra em terra, trabalham aqui e acolá e dormem nos asilos e abrigos públicos. A assistência pública e as organizações particulares de beneficência não se esquecem deles, prestando-lhes auxílio e medida em que ele é aceite.

## AS CARREIRAS

Entre-Pontes—Feira Nova

(Continuação da 1.ª página)

noites em Braga. Crenças que as necessidades do público mais uma vez serão satisfeitas, esperamos que o Ministério de comunicações de colaboração com a concessionária, resolve estes pedidos de imediata solução. = A. A.



# TRIBUNA DE VIEIRA DO MINHO NA CADEIRA DE GARRETT

## Carta de Ruivães

Com a inclemência dos temporais que tão desapiadadamente nos têm mortificado, até o cérebro parece ressentir-se. A inteligência embota-se e as ideias ofuscam-se.

Será por isso que os problemas da humanidade se de entrecrocavam brutalmente e a confusão é cada vez mais anárquica.

A cada momento nos surpreendem as contradições mais flagrantes.

De Gaule persiste na emancipação da Europa e procura libertar esta da América do Norte e excluir a Inglaterra do euro-mercado.

Temos de concordar que a América do Norte obteve sobre os ocidentais um certo ascendente e tem procurado sempre não só consolidá-lo mas também aumentá-lo, nada diplomáticamente; mas também é certo que esta nação, pelos seus inesgotáveis recursos, pela sua magnífica máquina de guerra, e pelo seu extraordinário potencial humano, constitui uma força decisiva no caso de um conflito armado, porque a Rússia e seus satélites dispõem, também, de armas igualmente aperfeiçoadas e eficientes e de exércitos numerosos e bem apetrechados.

Se os acontecimentos se precipitassem, os ocidentais sem a América do Norte teriam de sucumbir fatalmente. Além disso, não são para esquecer neste momento os milhões de dólares com que esse país veio acudir à Europa ocidental, na crise económica gravíssima, resultante da última guerra, pois se não fossem esses caudais de dinheiro, oferecido aos países esgotados por esse grande cataclismo, a civilização europeia teria sido subvertida na coragem do desespero e da fome.

Os ressentimentos íntimos de cada nação não devem vir a lume neste momento tão cruciante.

É certo que a Europa tem de reivindicar o seu antigo prestígio, porque lhe tem incontestável direito; mas na devida oportunidade, e sem solavancos violentos, que podem conduzir-nos a resultados fatais!

E o que digo da América do Norte digo-o da Inglaterra.

São dois trunfos de importância decisiva que somos obrigados a reconhecer como imprescindíveis.

Ninguém de boa fé poderá negar que estas duas nações têm o lema do quanto mais dinheiro melhor.

O dinheiro é o seu deus e quantas vezes o vil interesse os faz esquecer os seus compromissos! e nós, portugueses, que o digamos,

pois ainda está bem viva a ferida da nossa Gôa e a sua criminosa possibilidade está dando azo ao derramamento do nosso sangue em Angola e na Guiné.

Organizam-se, no Congo, grupos de bandoleiros que se preparam para vir lançar o terror e a morte naquela nossa província e as nossas aliadas, América e Inglaterra, consentem, de braços cruzados, essa vil afronta contra um país seu amigo e aliado, que em horas bem difíceis e quando a vitória parecia inclinar-se para a Alemanha, não hesitou em proclamar desassombradamente a sua indefectível lealdade para com aqueles que, presentemente, se metem em copas, deixando pelas ruas da amargura os tratados, as promessas e a sua própria honra.

Tudo se há-de recompor, temos essa fé, quando o bom senso regressar aos cérebros desvairados pelo fragor ciclónico da última guerra.

O mundo está doente, muito doente. A tarefa dos homens do Estado, no momento que passa, deve consistir em calofetar as brechas por onde o comunismo possa infiltrar-se nos nossos arraiais.

A união faz a força, mas é indispensável que essa união seja sincera e sem reticências.

Saibamos calar, por agora, as nossas mágoas e caminhemos coesos e decididos até a nossa causa se libertar da opressão com que os falsos profetas procuram, a todo o transe, estrangular os nossos direitos.

A França é um grande povo que há-de reconquistar o seu prestígio antigo e bem merecido, mas há-de ser quando for e quando o mal maior estiver sanado.

Então, sim.

Por agora, todos devem trabalhar no sentido de se evitarem enfraquecimentos, que apenas aproveitariam aos usurpadores dos nossos direitos e aos tiranos que em nome de uma igualdade fementida, trabalham afinadamente por uma situação de terror e de morte.

Amadeu César

TRIBUNA LIVRE

é distribuída em Braga no Quiosque Central Largo do Barão de São Martinho

Leia, Assine Publique na «Tribuna Livre»

(Continuação da 1.ª página)

Alberto de Monsaraz conheceu essa avó, já muito idosa. E recordava-se de que uma vez, por ocasião da trasladação dos ossos de Garrett para os Jerónimos, houvera uma sessão solene na Academia, a que o pai, o primeiro Conde de Monsaraz, cujos apelidos de Macedo Papança subscrevem algumas das mais belas poesias da língua portuguesa e da alma alentejana—a que, dizia eu, o pai assistira, com sua farda e seu espadim de académico.

O pequenito Alberto foi esperar o pai à porta e acompanhou-o, saltitando à volta, traquinando, naturalmente maravilhado com o espadim. Quando entraram na sala, a avó, muito velhinha, recebeu o beijo de cumprimento, perguntou ao académico:

2.ª Publicação



### TRIBUNAL JUDICIAL DE AMARES ANÚNCIO

No dia 13 do próximo mês de Março, pelas 10 horas, no Tribunal desta comarca e nos autos de carta precatória vinda do Segundo Juízo da comarca de Braga a extraída da execução sumária que António da Rocha Antunes, casado, comerciante, de Braga, move contra Amândio José da Silva, casado, comerciante, de Bouro, serão postos em praça, pela primeira, vez para serem arrematados ao maior lance oferecido acima do valor indicado, os seguintes imóveis apreendidos àquele executado.

1.º

Casa de morada de altos e baixos com uma latada e mais pertenças, sita no Terreiro-Bouro Santa Maria, inscrito na matriz urbana no art.º 283 e descrito na Conservatória sob o n.º 15533, o qual vai à praça por 16.200\$00.

2.º

Uma morada de casas e rocio junto, sito em Enchido-Bouro Santa Maria, inscrito na matriz urbana no art.º 309 e descrito na Conservatória sob o n.º 23509, o qual vai à praça por 1.296\$00. Amares, 14 de Fevereiro de 1963.

O Escrivão,

a) Victor Manuel de Lopes Afonso

Verifiquei:

O Juiz de Direito

a) Fernando Adelino Fabião

—Donde vem o menino, assim tão bonito?

—Da Academia. Houve uma sessão em honra do Garrett...

Ela deixou logo de sorrir:

—Do Garrett... Desse maroto?...

Para aquela senhora, Garrett era acima de tudo o homem que vinha a casa desencaminhar-lhe o marido.

E Alberto de Monsaraz terminava, risonho:

—Foram através dessa avó as minhas relações pessoais com Garrett...

Devemos reconhecer que, se as relações pessoais vinham através de um sentimento de antipatia, aliás perfeitamente justificado, as relações do escritor, do poeta, e do filósofo-político, que foi Alberto de Monsaraz — como aliás as do grupo a que ele pertenceu — essas eram do mais perfeito e claro entendimento. António Sardinha tem, a tal respeito, um ensaio que vale a pena ler. Na verdade, o autor de «Frei Luis de Sousa» exerceu uma influência enorme no movimento de renovação nacional, que se chamou «Integralismo Lusitano». Influência nas ideias, e nas preferências estéticas. Ramalho Ortigão, talvez o mais próximo continuador de Garrett na sua campanha nacionalizadora, aderiu ao «Integralismo». E, dentro deste, os poetas Afonso Lopes Vieira e António Sardinha definem, pela simples leitura dos seus poemas, um parentesco espiritual. Nesse parentesco, aliás, teríamos de ir mais longe e incluir o próprio Macedo Papança, cantor da gente do Alentejo.

Mas isto já é um assunto diferente daquele que me trouxe por este caminho. Eu queria hoje falar-lhes apenas da nossa atitude perante o Garrett. A senhora que o considerava um valdevinos, má-companhia para o marido, via um dos aspectos da pessoa — e via-o, já o dissemos, com razão.

Ora sucede que nós costumamos olhar para o Garrett — nós, que não temos razões pessoais para o julgar sob ângulos estritamente determinados — costumamos olhar para o Garrett, apenas para o poeta, para o romancista, para o escritor de teatro. As vezes vamos mais além e achamos graça aos seus ditos de espírito, ou diverte-nos a sua teimosia preocupação em parecer mais novo. Chegamos a perdoar-lhe as paixões que, já maduro, tantas vezes suscitou em mulheres jovens. Mas não acreditamos no pensamento de Garrett. Quero dizer: não nos damos sequer ao trabalho de verificar o que há de certo, de sensato, de equilibrado, de prudente, no pensamento desse homem a quem os bem pensantes do tempo, os técnicos, os sabichões da jurisprudência e das ciências sociais chamavam, por extensão, *leviano*. Leviano...

A proposta de alterações à Lei Orgânica do Ultramar, que o Governo apresentou agora à Assembleia Nacional para ser apreciada e discutida, tem um

preâmbulo em que, por um lado, se faz a história dos conceitos fundamentais a que obedecem desde o princípio a organização e administração das nossas terras ultramarinas e, por outro, se explicam as modificações pretendidas.

É um trabalho de grande importância, a marcar um sentido sábio de actuação, conforme as reclamações feitas há poucos meses numa sessão extraordinária do Conselho Ultramarino. Mas também não é ao trabalho em si que me quero referir hoje. É apenas a um aspecto da parte histórica do preâmbulo.

Na linha tradicional da nossa actividade ultramarina, havia a preocupação (e essa preocupação era talvez filha da necessidade) de considerar cada território à luz do seu condicionamento próprio, quer na geografia, quer no meio social, embora todos sujeitos a determinados princípios gerais, que eram os da Nação Portuguesa.

O liberalismo trouxe-nos um critério nivelador, uma preocupação de uniformidade à força — copiada do estrangeiro. A administração de Mousinho da Silveira é decalque puro e simples da administração francesa. Poucos anos depois, o Código Administrativo de Costa Cabral, aplicável indistintamente a todos os territórios da Metrópole e do Ultramar, é uma insistência no critério simplista da organização e administração da comunidade portuguesa, talhando friamente a régua e esquadro. Este critério deriva das concepções ideológicas, delineadas no espaço. O critério tradicional baseava-se nas realidades concretas, e partia destas para objectivos de melhoria: é um critério evolutivo. O outro procurava fazer tabua rasa do existente e realizar tudo de novo, no ponto óptimo: é um critério revulsivo.

Não vale a pena apreciá-los. Eu queria apenas falar-lhes de Garrett. Ele era apenas um poeta, um homem de letras, um janota. Os conselheiros muito técnicos do seu tempo, técnicos de administração, técnicos de política, técnicos de leis, técnicos de simples copiar das organizações estrangeiras, esses, naturalmente, detestavam-no.

No entanto, foi esse literato que teve a iniciativa da apresentação ao Conselho Ultramarino, em 1853, de uma proposta sobre as bases em que devia assentar a organização das terras ultramarinas. Condenava-se nessas bases a política liberalista de uniformização à força e defendia-se o critério tradicional.

Morreu, entretanto, o escritor — e as bases não foram discutidas. Recordas agora o Governo no Prâmbulo da sua Proposta de Lei. E a gente fica-se a pensar no Garrett político, que tinha razão contra os técnicos. Contra os técnicos, e contra os ventos da História daquele tempo, que os mesmos técnicos, sopravam com bastante força... — A.



# Tribuna Desportiva

## NOVIDADES DE PORTUGAL

### TRAZIDAS POR UM BRASILEIRO

Não esqueceram ainda os tempos em todo o brasileiro, desembarcado em Portugal, trazia certamente um baú atulhado de notas — ou a carteira recheada de cheques, o que para o caso tanto monta.

Pois por Lisboa passou um brasileiro, agora, que trazia a mala cheia de novidades de Portugal. O facto, afinal, só reflecte duas verdades tão conhecidas que se lhes pode chamar corriqueiras: Portugal e o Brasil tendem a andar juntos pelos caminhos do mundo, enquanto o desporto português se firma no estrangeiro.

O brasileiro é Luís Murgel — que junta à qualidade natural de amigo de Portugal o invulgar valor de personalidade destacada no mundo do desporto: presidente da Comissão de Assuntos Internacionais da Confederação Brasileira de Desportos e membro da Comissão Executiva da FIFA.

Da mala das novidades foi tirando, uma a uma, as peças, reluzentes como ouro, das novidades que trazia para Portugal. E foi um regalo ver como aquela mala de brasileiro vinha recheada de tesouros.

Confirmou, por exemplo, que a inclusão da selecção portuguesa de futebol no "Campeonato Latino" — a prova que o Chile organiza e em que estarão representados oito países, quatro do Velho e quatro no Novo Mundo — é coisa assente e definitiva. Resta apenas fazer o estudo sobre o modo de disputar o torneio (todos contra todos, género campeonato nacional, ou "poule" eliminatória, género Taça da Europa) e as bases financeiras (lucros a dividir entre o país organizador e as federações, ou só lucros para o organizador e despesas pagas às selecções).

Deu a impressão, depois, de saber mais do que disse quanto à possível inclusão de um futebolista português — Eusébio, do Benfica — no «onze» que, representando todo o mundo, defrontará uma equipa da Grã-Bretanha, nas comemorações do centenário da Associação de Futebol britânica. E talvez saiba mais do que disse, porque é, exactamente, membro do «comité» a que cabe a selecção do «onze de todo o mundo»...

Contou que o Brasil está a preparar com requintes de carinho a organização dos Segundos Jogos Luso-Brasileiros, que, desta vez, se farão do lado de lá do mar — na outra margem deste lago de Lusitania a que chamam Atlântico. E aí veio a maior de quantas novidades poderia tra-

zer: o Senhor Futebol também dará um ar da sua graça.

Na verdade o Desporto-Rei, esse Luís XIV dos estádios de hoje, tem faltado — e tem feito falta. Até na receita da organização, que é necessariamente dispendiosa, com o transporte dos atletas para a olimpíada da língua portuguesa.

Pois agora Luís Murgel anuncia pessoalmente e em nome da Confederação Brasileira dos Desportos o seu apoio para quanto se relacione com a inclusão de jogos entre futebolistas juniores de Portugal e do Brasil — «nos futuros criques», como disse — nos Jogos Luso-Brasileiros. E garante que um encontro dessa natureza apaixonaria, no Brasil, tanto a colónia portuguesa como os entusiastas do futebol.

As novidades «mais esperadas», se assim se pode dizer, referiram-se, por sinal, exactamente a estes Jogos Luso-Brasileiros, nomeadamente quanto ao seu programa. Assim, os atletas portugueses partem de Lisboa, a 25 de Julho, de avião, iniciando-se os Jogos a 28, para se encerrarem a 10 de Agosto.

As treze modalidades são disputadas em treze cidades diferentes, num total de 52 competições. O programa das provas oficiais prevê: atletismo, em S. Paulo, a 31 de Julho e 1 de Agosto; andebol, a 31, numa cidade próxima de S. Paulo; basquetebol, a 31, em Belém do Pará; caça submarina, no mesmo dia, em Angra dos Reis; ginástica, também a 31, em Porto Alegre; hoquei em patins, a 29, no Rio de Janeiro; remo, a 31, no Rio; tennis de mesa, a 30, em S. Paulo; tiro, a 30 e 31, em Belo Horizonte; vela, a 30 e 31, em Brasília; voleibol, a 30, em Belo Horizonte, e ciclismo, a 1, em S. Paulo. A natação depende dos compromissos dos dois países relativamente aos jogos internacionais da FISEC.

Além destas provas oficiais, será proporcionado, porém, aos atletas portugueses contacto, noutros dias, com selecções regionais e estaduais, de modo que cada um dos atletas portugueses visite pelo menos quatro cidades — e daí chegar-se a contas das treze em que se realizam competições.

Estão ainda em estudo as facilidades a conceder aos atletas portugueses que, encerrados os Jogos, queiram concorrer ao Campeonato Mundial Universitário, que dias depois se realiza em Porto Alegre.

Na mala do brasileiro ain-

# Portugal, 4 — França, 2

## FUTEBOL DE JÚNIORES

Iniciando a temporada internacional, a equipa de futebolistas juniores de Portugal ganhou a primeira «mão» da eliminatória com a França para o Campeonato da Europa. Os portugueses já nesta prova têm tradições: vitória em 1961 e terceiro lugar em 1962.

O campeonato deste ano terá a fase final na Inglaterra, com os encontros incluídos na série de comemorações do centenário da Associação Britânica de Futebol.

O jogo entre Portugal e a França, disputado no Estádio da Luz, em Lisboa, teve boa assistência e caracterizou-se pela tendência das duas equipas para jogar sobre o ataque, num futebol vistoso que interessou os espectadores.

A turma portuguesa, depois de um período inicial de certa dificuldade perante os visitantes (cinco alinham em grupos profissionais franceses da Primeira Divisão...) encontrou a toada certa de defesa, pela mudança dos dois «backs» laterais, e passou a aparecer frequentemente ao ataque, justificando amplamente a vitória conseguida.

O encontro da segunda «mão» vai disputar-se a 14 de Março na cidade francesa de Fontainebleau. Antes disso, porém, os juniores portugueses disputam dois encontros amigáveis na Grécia, nos dias 20 e 23, em Atenas e Salonica.

Para o jogo de ontem, sob a direcção do arbitro italiano Bucheli, as equipas alinharam:

Portugal — Melo; Carneiro e Bento, Sérgio, Madeira e Bernardo; Teixeira, Arcanjo, Guerreiro, Esteves e Godinho.

França — Gallina; Begue e Bonzenini; Novi, Serrus e Kula; Gasparini, Watteau, Favereau, Lech e Herbert.

Os golos foram marcados por Teixeira (8 minutos), Lech (11), Esteves (22), Guerreiro (48), Favereau (51) e Godinho (71).

Na turma portuguesa destacaram-se o guarda-redes Melo, que deve ter sido o melhor jogador em campo,

Bernardo, Guerreiro e Godinho. Entre os franceses os melhores foram Lech, Watteau e Herbert.

### Vir a Lisboa empatar com o Benfica - proeza do Olhanense no Campeonato Nacional de futebol

A sensação do dia, com visos de verdadeiro «escândalo», foi o empate concedido em Lisboa, pelo Benfica, campeão da Europa, ao Olhanense, que este ano conseguiu regressar à Primeira Divisão do Campeonato Nacional e não tem conseguido carreira digna de menção.

Não foi esta, porém, a única surpresa do campeonato, pois houve outro empate, imposto em Setúbal ao Belenense pelo Vitória, dentro da linha geral de exibições dos setubalenses, agora em período de franca recuperação, e o Lusitano de Évora veio a Lisboa bater o Atlético por 5-3.

Os resultados da décima sexta jornada foram os seguintes: Benfica, 1 — Olhanense, 1; Sporting, 4 — Feirense, 1; Vitória de Guimarães, 0 — Porto, 3; Vitória de Setúbal, 1 — Belenenses, 1; Atlético, 3 — Lusitano, 5; Cuf, 2 — Académica, 0; Leixões, 0 — Barreirense, 0.

A classificação geral, depois desta jornada, ficou ordenada como se segue:

	Pontos
Porto,	28
Benfica,	28
Sporting,	25
Lusitano,	19
Leixões,	18
Belenenses,	17
Guimarães,	16
Setúbal,	14
Académica,	13
Olhanense,	12
CUF,	11
Barreirense,	11
Atlético,	8
Feirense,	4

Nas duas zonas da Segunda Divisão, os respectivos guias, Varzim e Alhandra, conseguiram a vitória «fora» e firmaram o seu avanço. Os resultados dos jogos foram os seguintes:

Zona Norte: Salgueiros, 1 — Varzim, 2; Vianense, 0 — Leça, 0; Espinho, 3 — Castelo Branco, 1; Oliveirense, 3 — Beira-Mar, 2; Covilhã, 4 — Boavista, 2; Marinhense, 0 — Braga, 2; Académico de Viseu, 2 — Sanjoanense, 2.

As classificações gerais são agora as seguintes:

Zona Norte:	Pontos
Varzim,	25
Beira Mar,	23
Oliveirense,	22
Covilhã,	22
Braga,	19
Leça,	17

Marinhense,	15
Espinho,	15
Vianense,	13
Sanjoanense,	11
Académica de Viseu,	11
Castelo Branco,	10
Salgueiros,	9
Boavista,	9

Zona Sul: Alhandra, 3 — Portimonense 1; Seixal, 1 — Sacavenense, 0; Farense, 1 — Torreense, 0; Cova da Piedade, 4 — Luso, 0; Silves, 2 — Peniche, 3; Lusitano de Vila Real, 4 — Oriental, 0.

Zona Sul:	Pontos
Alhandra,	24
Seixal,	22
Cova da Piedade,	20
Torreense,	19
Farense,	17
Portimonense,	16
Sacavenense,	16
Luso,	16
Lusitano de Vila Real,	15
Oriental,	15
Montijo,	15
Peniche,	12
Portalegrense,	11
Silves,	4

### Angra na taça de Portugal em futebol

O Lusitânia é o representante do distrito de Angra no torneio para a Taça de Portugal de futebol

Nos jogos de ontem (última jornada do torneio de apuramento) os resultados foram os seguintes: Lusitânia-Praienense, 1-1; União-Angrense, 0-4.

Classificação final: Lusitânia, 10 pontos; Angrense, 9; União, 3; Praienense, 2.

### Leões da Modelar, 4 Onça F. C., 2

#### AO INTERVALO 2-1;

Apesar de desfalcados, os Leões da Modelar venceram bem o Onça F. C.

O jogo que se esperava difícil, e fui-o de certo modo, começou fácil em virtude de, logo nos primeiros minutos, o Amares marcar por intermédio de Quim a aproveitar bem um centro de Eduardo.

Os visitantes conseguiram a igualdade, mas os Leões, naturalmente, e dominando a situação do jogo marcaram novamente por intermédio de Martins II, para assim chegar ao intervalo.

No recomeço foi notório o domínio da grupo da casa, e os golos começaram a surgir.

Foi novamente Martins II que aos 40 minutos fez 3-1, para passados poucos momentos, Eduardo elevar a contagem para 4-1.

Houve um pequeno desentendimento entre os jogadores que o árbitro resolveu.

No Amares Gomes foi substituído por Ramiro, todos cumpriram como se esperava.